

INTRODUÇÃO À AUDIODESCRIÇÃO DIDÁTICA

INTRODUCTION TO DIDACTIC AUDIO DESCRIPTION

Tania Regina de
Oliveira Zehetmeyr¹
Letícia Corrêa
Machado²
Joice Fresingheli
Tomaschewski³
Márcia dos Santos
Soares da Rocha⁴
Elton Vergara-Nunes⁵

¹Mestranda em Ciências e
Tecnologias na Educação do IFSul-
Campus Pelotas- Visconde da Graça.
E-mail: zehetmeyr.tania@gmail.com

²Pós-graduanda em Mídias na
Educação (Ufpel). Graduanda em
Serviço Social pela Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM).
Especialista em Metodologia do
Ensino de Filosofia e Sociologia
(UNIASSELVI). Graduanda em
Licenciatura em Sociologia (UFSM).
E-mail: leti222@gmail.com

³Professora de Séries iniciais, rede
municipal de Pelotas. Graduanda em
Ciências Sociais (Ufpel) e Pedagogia
(Unopar). E-mail: joiceftz@yahoo.com.br

⁴Graduanda do curso de Letras
Português/Espanhol (Ufpel). E-mail:
marciasantossoares@yahoo.com.br

⁵Professor Adjunto do Centro de
Letras e Comunicação (Ufpel).
Mestre em Educação. E-mail:
vergaranunes@gmail.com

Resumo

Este relatório é resultado da experiência dos autores no curso de extensão: *Introdução à audiodescrição didática*. O curso serviu para coleta de dados para pesquisa da equipe. Os autores atuaram como ministrantes, tutores e colaboradores no projeto. O objetivo foi oferecer aos professores da rede pública de Pelotas instrumentos para a elaboração de materiais didáticos visuais acessíveis para a inclusão de alunos cegos e/ou com baixa visão severa/profunda nas atividades didáticas de sala de aula, através da tecnologia assistiva audiodescrição como recurso de acessibilidade visual. A proposta de uma audiodescrição com fins didáticos é inovadora e avança sobre os padrões atuais, tornando-se uma ferramenta à disposição do professor. Durante o curso, os participantes puderam conhecer a *audiodescrição didática* e aplicá-la na criação e gravação de roteiros descritivos de materiais didáticos visuais. Considera-se importante compartilhar com educadores esse recurso de inclusão de alunos com deficiência visual na sala de aula comum.

Palavras chave: Acessibilidade. Inclusão. Cegueira.

Abstract

This report is the result of the authors' experience in extension course: *Introduction to didactic audio description*. The course served to collect data for the research team. The authors acted as altar servers, tutors and collaborators in the project. The objective was to provide public school teachers of Pelotas instruments for the development of affordable visual materials for the inclusion of blind students and / or with low severe / profound insight in the teaching activities of the classroom, through the assistive audio description as a resource technology visual accessibility. The proposal of an audio description for didactic purposes is innovative and advances on current standards, becoming a tool available to the teacher. During the course, participants were able to learn the didactic audio description and apply it in the creation and recording of descriptive scripts visual teaching materials. It is considered important to share with educators this feature inclusion of students with visual impairment in the ordinary classroom.

Keywords: Accessibility. Inclusion. Blindness.

ZEHETMEYR, T. R. O. ; MACHADO, Letícia Corrêa ; ROCHA, Márcia dos Santos Soares ; TOMASCHESKI, J. F. ; VERGARA-NUNES, Elton .
Introdução à audiodescrição didática.
Expressa Extensão, v. 20, p. 178-193,
2015. Disponível em
<<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/7874/5583>>.

Introdução

O curso de extensão *Introdução à audiodescrição didática* surgiu de uma demanda identificada, a partir do projeto de pesquisa em andamento *Aplicação da audiodescrição com fins didáticos no ensino regular*, coordenado pelo professor Elton Vergara-Nunes, vinculado ao Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas. O projeto investiga, nas redes de escolas públicas do município de Pelotas, a acessibilidade de conteúdos visuais nas salas de aula, para alunos cegos ou com baixa visão severa. Nessa pesquisa, observou-se a inexistência do uso da audiodescrição nas salas de aula e o interesse demonstrado por professores e gestores da rede estadual e municipal de Pelotas na aprendizagem sobre a audiodescrição com fins didáticos. Surgiu a proposta de um trabalho colaborativo com a participação de professores em exercício das redes públicas de Pelotas, num mesmo espaço. Dessa maneira, tornou-se oportuna a realização de um curso de extensão, direcionado aos professores da rede pública de Pelotas, intitulado *Introdução à audiodescrição didática*. Foi ministrado pelo coordenador do projeto de pesquisa, contando com o apoio dos pesquisadores como tutores e colaboradores na execução do curso.

A ênfase do curso foi a produção de roteiros de audiodescrição e sua gravação, com o propósito de dar subsídios para o educador agregar em seu fazer pedagógico o uso da *audiodescrição didática*. Os participantes puderam aproximar-se do mundo das pessoas com deficiência visual e dos recursos de acessibilidade existentes, conhecer as tecnologias assistivas para pessoas cegas e a audiodescrição como tecnologia assistiva de acessibilidade visual, sua história, base legal, usos e possibilidades de aplicação na educação. Também estudaram as diretrizes gerais da audiodescrição e as tendências dos diferentes autores e profissionais e conheceram a *audiodescrição didática* como ferramenta de apoio ao ensino de alunos com deficiência visual. Para sua prática, estudaram técnicas de descrição de imagens estáticas com foco no ensino de alunos cegos e com baixa visão severa e produziram roteiros de *audiodescrição didática* de imagens estáticas e gravaram os roteiros produzidos.

Para alcançar os objetivos propostos, o curso foi organizado de forma semipresencial, com aulas teóricas e práticas, tanto na modalidade presencial como a distância. As aulas presenciais foram ministradas pelo coordenador do projeto com o apoio de uma monitora, aluna do curso de Letras, e as atividades a distância foram tutoradas por uma equipe de cinco professores de diferentes cidades, com a orientação de duas pesquisadoras da equipe.

A divulgação do curso foi realizada através da coordenadoria da educação especial da 5ª Coordenadoria Regional de Educação, a qual enviou e-mail convite para cada escola que tivesse alunos com deficiência visual matriculados em 2015. Da mesma forma, ocorreu na rede

municipal, através do Centro de Apoio, Pesquisa e Tecnologias para a Aprendizagem (Capta). A inscrição dos interessados ficou a cargo de cada um desses setores da rede pública de ensino, estadual e municipal, respectivamente. Inicialmente, foram oferecidas trinta vagas, porém, ampliou-se a participação para quarenta e seis inscritos, devido ao interesse de diversos professores das duas redes.

Perfil da equipe

Além do coordenador do projeto, o curso contou com uma equipe de colaboradores voluntários de diferentes áreas do conhecimento. O ministrante esteve à frente da equipe instruindo-a sobre os procedimentos adotados durante a realização das atividades, disponibilizando aos integrantes o planejamento das ações, como também, as precauções a serem tomadas no que diz respeito a um curso de extensão. O acesso às informações tornou-se importante para a equipe. Com base nessas informações, foi possível identificar os objetivos do projeto e prever as atitudes a serem tomadas para possibilitar a aprendizagem dos cursistas participantes, na elaboração de materiais didáticos visuais acessíveis para a inclusão de alunos com deficiência visual.

Há necessidade de articulação de vários aspectos para que um curso tenha êxito e seus objetivos sejam alcançados. Algumas dificuldades encontradas pelos professores ao trabalhar um conteúdo é o de “controle da aprendizagem” (LIBÂNEO, 1994, p. 253) que implica o permanente acompanhamento das ações dos alunos, assim como a manutenção da disciplina da classe, que possibilitam a organização do processo de ensino; dentre elas, destacam-se:

[...] um bom plano de aula, onde estão determinados os objetivos, os conteúdos, os métodos e procedimentos de condução da aula; a estimulação para aprendizagem que suscite a motivação dos alunos; o controle da aprendizagem, incluindo a avaliação do rendimento escolar; o conjunto de normas e exigências que vão assegurar o ambiente de trabalho escolar favorável ao ensino e controlar as ações e comportamentos dos alunos.

Estes fatores estiveram presentes na organização e duração do curso. O professor informava antecipadamente os objetivos de cada etapa, os métodos e procedimentos utilizados. Os materiais foram diversificados, como artigos científicos, livros digitais, vídeos explicativos, *slides*, além da possibilidade de os alunos interagirem no ambiente virtual através dos *fóruns*. Nas aulas presenciais, havia a possibilidade de interação, através do contato mútuo entre a turma. O controle da aprendizagem ocorria através do acompanhamento dos questionamentos e manifestações das ideias dos cursistas, assim como da produção de seus trabalhos utilizando a

audiodescrição. Esse controle era feito pelas tutoras, no controle da frequência com que os alunos acessavam o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) adotado para o curso, o Moodle. Os participantes deveriam fazer postagens relevantes, que fizessem avançar as discussões e aprofundassem o assunto estudado. A aprendizagem era colaborativa com base no conhecimento e experiência de cada estudante. Neste sentido, o papel dos tutores do curso era o de “provocar” reflexões e estimular debates, direcionando aos alunos para assimilação dos conteúdos e realização das tarefas.

Na *figura 1*, é possível visualizar a organização da equipe, assim como a divisão das tarefas dentro do curso. Através do planejamento e orientações do professor-coordenador, assim como a divulgação das ações que deveriam ser realizadas pela equipe de apoio, tornou-se possível trabalhar efetivamente tanto nas atividades a distância como nas presenciais. A responsabilidade de atuação de cada membro da equipe foi importante para a manutenção dos objetivos do projeto e na mediação da aprendizagem dos cursistas.

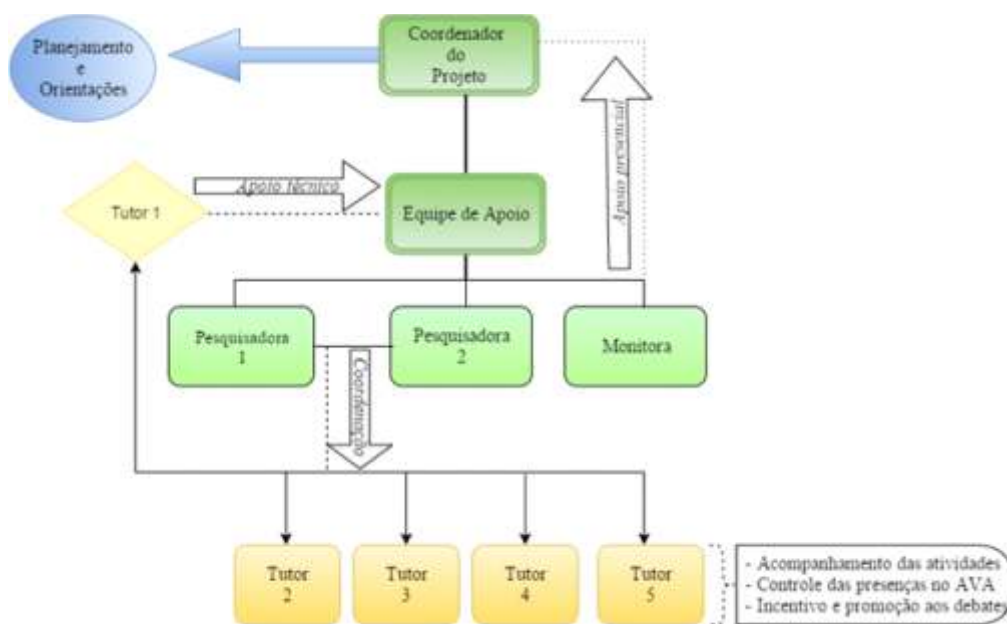


Figura 1

Organograma da equipe

Fonte: Elaborado pelos autores

O coordenador do projeto, e também ministrante do curso, além da graduação nos cursos de Letras e de Teologia, é mestre em Educação e com tese de doutorado defendida, com o título *Audiodescrição Didática*. Atua como professor titular da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel). Nas aulas presenciais, contava com a participação de uma monitora, graduanda do curso de Letras, Licenciatura em Português/Espanhol, que o auxiliava nas atividades pertinentes ao encontro presencial com os alunos. Duas pesquisadoras coordenavam e interagiam com a equipe de tutores e os alunos do curso. As pesquisadoras e monitora são integrantes do grupo de pesquisa registrado no CNPq *Tecnologias Aplicadas à Educação*, liderado pelo coordenador do

projeto de extensão. A pesquisadora 1 é bacharel em Administração de Empresas e licenciada em Matemática, especialista em Gestão Educacional e em Ciências e Tecnologias na Educação, e mestranda em Ciências e Tecnologias na Educação, com dissertação intitulada *O uso da audiodescrição como tecnologia educacional*. Como que seu trabalho de mestrado converge com o projeto de pesquisa vinculado a esse projeto de extensão, tem o coordenador do curso como seu coorientador em seu mestrado; a pesquisadora 2 é graduada em Pedagogia e Ciências Sociais, professora da rede Municipal de Pelotas, com larga experiência no trabalho com alunos com deficiência visual.

Na tutoria, havia cinco professores colaboradores de diferentes cidades, dentre eles um homem e quatro mulheres, que tiveram o direcionamento das pesquisadoras e do coordenador. Através do AVA, o grupo de tutoria exerceu a responsabilidade de motivar os cursistas e controlar o seu acesso nas atividades semanais e no cumprimento das tarefas. Esse monitoramento é importante, pois, através da proximidade com os alunos, mesmo que seja virtual, há possibilidade de percepção das dificuldades em relação a determinado conteúdo ou na elaboração das atividades, já que os cursistas deveriam acessar o conteúdo sobre audiodescrição e, além disso, criar seus próprios materiais didáticos utilizando, para isso, um software específico: o *Audacity*⁶.

Não havia hierarquia entre os tutores, porém, tornou-se necessário separá-los a cada grupo de alunos para que houvesse um acompanhamento mais personalizado, visualizando a aproximação do tutor com os cursistas. O tutor 1, residente em Campo Bom é graduado em Design e pós-graduado em Estratégia e Inovação Empresarial. Devido a sua experiência com programas e aplicativos para computadores, quando solicitado auxiliava o grupo das tutoras e alunos do curso sobre algumas ferramentas de informática. As tutoras 2, 3, 4 e 5, anteriormente ao projeto, foram alunas do coordenador no curso de Especialização da Ufpel *Mídias na Educação*; nessa oportunidade, tiveram contato com leituras sobre a educação inclusiva e tecnologias assistivas, dentre elas a audiodescrição.

A tutora 2 reside em São Leopoldo, é graduada em Letras Português-Espanhol e pós-graduada em Assessoria Linguística: Produção e revisão textual; a tutora 3 é licenciada em Sociologia e especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia, mora em Santa Maria; a tutora 4 é oriunda também desta cidade e possui graduação em Pedagogia; por fim, a tutora 5 domicilia-se em Campo Bom, é graduada em Letras Português-Inglês, especialista em Processos e Desenvolvimento de Aquisição de Linguagens e mestranda do Curso de Letras.

É importante a descrição da formação da equipe, para mostrar a interdisciplinaridade do trabalho com educação inclusiva. O interesse dos participantes da equipe pelo tema revela que, mesmo sendo de diferentes áreas, na atuação como professores, sentem a necessidade de

divulgação e exercício da tecnologia assistiva como proporcionadora e ampliadora de habilidades para as pessoas com deficiência nos contextos de inclusão. Os tutores, assim como as pesquisadoras e monitora, foram colaboradores voluntários, porém comprometidos na participação do projeto, pois além de auxiliarem o coordenador com a coleta de dados da pesquisa a qual este curso de extensão está vinculado, puderam apropriar-se das leituras disponibilizadas no AVA acrescentando informações as suas formações, e, desta forma, dando-lhes base para uma eficaz mediação junto aos alunos no seu processo de aprendizagem no decorrer do curso.

Perfil dos alunos

Com o propósito de conhecer os futuros alunos do curso, logo após o encerramento das inscrições, disponibilizou-se um questionário com base na ferramenta Formulário do Google Docs. A intenção era que pudessem respondê-lo antes do início das aulas, porém estendeu-se ainda após o início das atividades. Através das respostas recebidas, pode-se elaborar um perfil qualificado dos alunos e também diagnosticar o conhecimento sobre as temáticas que seriam abordadas.

O preenchimento do questionário não era obrigatório, e foi apresentado como um convite à qualificação da pesquisa sobre a aplicação da *audiodescrição didática*, ao qual o curso estava vinculado, e da qual muitos dos alunos são colaboradores como professores em suas respectivas escolas. Do total de inscritos, apenas vinte participantes responderam o questionário. Desse total, 100% do sexo feminino, com a média de 37 anos de idade; 50% das alunas respondentes trabalham só na rede municipal de ensino, 30% trabalham somente na rede estadual e 20% trabalham concomitantemente nas duas redes públicas de ensino do município de Pelotas.

A *figura 2* explicita os níveis de atuação das professoras em exercício, participantes do curso, em suas atividades docentes nas redes públicas de ensino do município de Pelotas.



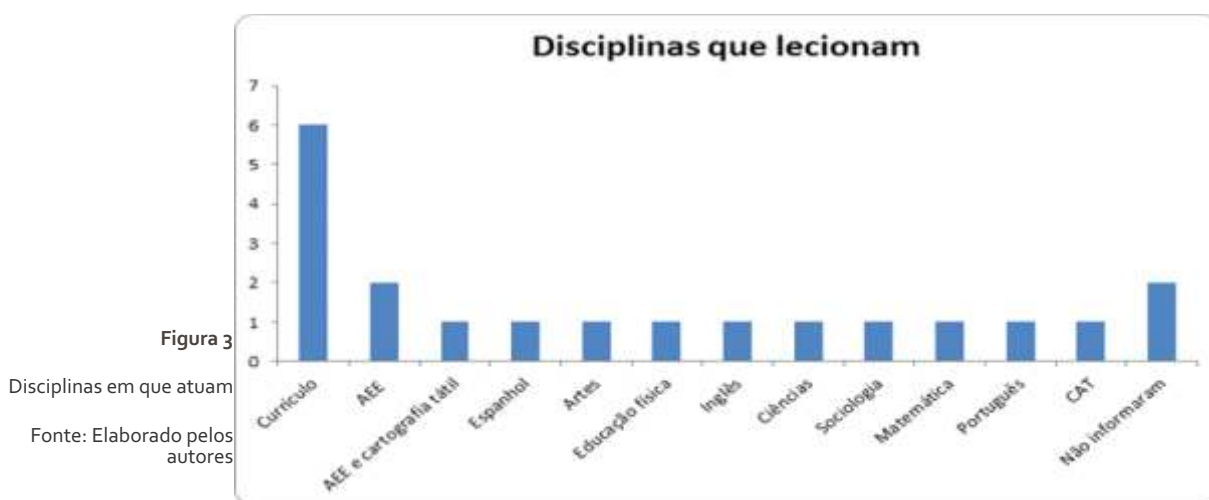
Figura 2

Níveis que lecionam na rede pública

Fonte: Elaborado pelos autores

No Ensino Fundamental -anos iniciais-, estava a maior concentração, com 40% das professoras; nos anos finais, 15% das respondentes. Do total de participantes do levantamento de dados iniciais do curso, 20% atua nos dois níveis de ensino e 10% atuam somente no Ensino Fundamental. Das professoras que responderam o questionário, 5% trabalham na Sala de Recursos Multifuncionais; 10% não responderam esta questão.

Professores das diversas áreas do conhecimento faziam parte do grupo de alunos do curso. A maior concentração era de professoras do currículo, com 30% do universo investigado, seguidos pelas professoras do Atendimento Educacional Especializado (AEE) que representam 15% do total, 10% não informaram a disciplina que lecionavam e 45% dos professores representavam as diversas áreas como pode-se verificar na *figura 3*.



O regime de trabalho dos professores entrevistados era de: *20h/a semanais*, *40h/a semanais* e *outras*, cada grupo com cerca de 33,3%.

Ao que se refere à formação, apenas 5% ainda estavam na graduação, a grande maioria é pós-graduada, totalizando 60%. Do total das respostas, 25% informaram possuir o curso superior completo e 10% estavam cursando mestrado. Já a formação complementar para trabalhar com alunos com deficiência visual aponta para 40% das respondentes não receberam nenhuma formação para trabalhar com a inclusão social e escolar desses alunos. Do total, 5% receberam curso de formação continuada de 40h, 5% receberam formação de até 100h, 5% fizeram curso de pós-graduação sobre a temática da educação especial, 20% responderam que fizeram outros cursos e 25% não responderam à questão.

As participantes, em geral, possuem uma significativa experiência profissional, apenas 5% possuem menos de dois anos de atuação profissional, 20% com experiência entre dois e cinco anos, 20% com experiência entre cinco e 10 anos, 20% também com experiência entre 10 e 15 anos, 15% das respondentes entre 15 e 20 anos, 10% com mais de 20 anos como

docente; 10% não responderam a esta questão.

Um dos fatores considerados de maior relevância pelos organizadores do curso é o fato de que 75% dos inscritos respondentes lecionavam para alunos cegos ou com baixa visão severa; apenas 15% não trabalhavam com esse grupo de alunos e 10% não responderam. Logo, percebeu-se um campo fértil para muitas trocas de experiências e aprendizagens.

Em relação à experiência com ensino a alunos com deficiência visual (DV), 35% tinham trabalhado menos de dois anos com esses alunos, 35% trabalharam entre dois e cinco anos com alunos com DV, 5% com mais de cinco anos de trabalho com esse grupo de alunos e 25% dos entrevistados não responderam a esta questão. Apesar da experiência em sala de aula, percebe-se que o tempo de trabalho com alunos com DV pode ser considerado pequeno para a maioria das respondentes.

Nesse sentido, evidenciou-se a necessidade do curso, já que 60% expressaram que tinham dificuldades em trabalhar com alunos com DV; apenas 15% informaram que não tinham dificuldades para trabalhar com esses alunos e 25% não responderam em virtude de não trabalharem com alunos com deficiência visual.

Diante do exposto, é importante ressaltar as necessidades de organização do ambiente escolar e a formação dos professores para garantir o direito de todos à educação, conforme defende a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1998):

[...] toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas, sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades, aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer tais necessidades (p. 01).

Ao refletir sobre este trecho da Declaração, compreende-se a pertinência de propiciar espaços de discussões e aprendizagens sobre a temática da educação inclusiva e a utilização de tecnologias assistivas com intuito de promover a aprendizagem a todos sem distinção, com ou sem deficiência.

Metodologia do curso

As aulas foram ministradas através de encontros presenciais e atividades a distância. Uma vez por semana, o grupo reunia-se em uma sala de aula localizada no prédio da Reitoria, no

campus Anglo da Ufpel, em Pelotas-RS, com intuito de apropriar-se de questões teóricas sobre a temática audiodescrição. Nos demais dias da semana, o contato com o professor; colegas do curso e equipe de apoio mantinha-se pela plataforma *Moodle*. Nesse espaço virtual oferecido pela universidade, ficavam armazenados todos os materiais sobre a temática estudada e fóruns de discussão, que possibilitaram o acesso, a qualquer tempo, dos participantes ao curso. O propósito era totalizar 20h/a distância e 20h/a presenciais para que os participantes recebessem o certificado de 40 horas ao final do curso. Para tal, foi organizado um calendário de 10 encontros presenciais de 2 horas cada, mais 2 horas semanais para orientação, pesquisa, produção e compartilhamento, em forma de atividades e fóruns de discussão, propostos no ambiente virtual de aprendizagem. Foi oferecida a possibilidade de elaboração de um artigo final sobre a temática estudada, com um acréscimo de quatro horas na carga horária total.

Os tutores acompanharam as atividades a distância, motivando o acesso dos alunos às atividades e realização das tarefas, estimulando a contribuição do grupo nos debates, além das questões mais administrativas como controle de acesso e cumprimento de prazos.

Durante o curso de extensão, os participantes conheceram algumas tecnologias assistivas para pessoas com deficiência visual, e também realizaram atividades que mostraram o quanto é difícil lidar com situações cotidianas enfrentadas por essas pessoas.

Dinâmica dos encontros presenciais

Ao iniciar o curso de extensão, os participantes conheceram e puderam ter acesso a vários documentos que lhes permitiram conhecer as normas para audiodescrição de diversos países, como nos Estados Unidos e Espanha. Também conheceram as propostas em debate no Brasil, que ainda não tem uma norma definida. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) apresentou em 2015 um projeto para consulta nacional elaborado pela Comissão de Estudo de Acessibilidade em Comunicação do Comitê Brasileiro de Acessibilidade intitulado “Acessibilidade na comunicação – audiodescrição”. Para a referida Comissão, a audiodescrição é um “recurso de acessibilidade comunicacional que consiste na tradução de imagens em palavras” e tem como objetivo “proporcionar uma narração descritiva em áudio, para ampliação do entendimento de imagens estáticas ou dinâmicas, textos e origem de sons não contextualizados, especialmente sem o uso da visão”. (ABNT, 2015). Entretanto, o documento não avança na definição do recurso; não cogita a possibilidade de uma audiodescrição com fins didáticos em contextos de sala de aula. Também foi possível conhecer a história da audiodescrição, assim como alguns dos nomes de profissionais e pesquisadores da área no Brasil, e como é formada uma equipe de audiodescrição.

Além do contato com algumas das tecnologias assistivas para pessoas com deficiência visual, através de pesquisas e tarefas executadas pelo ambiente virtual *Moodle*, os participantes também puderam conhecer um pouco dos recursos utilizados para a prática pedagógica em sala de aula, o que gerou vários debates e perguntas nas aulas presenciais, sendo sempre esclarecidas pelo ministrante do curso.

Foram realizadas atividades que mostraram o quanto é difícil lidar com situações cotidianas enfrentadas por pessoas com deficiência. Diversas dinâmicas foram feitas ao decorrer do curso, para que os participantes pudessem ter noção das dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência visual. Em uma das atividades, os participantes dividiram-se em duplas e um dos participantes com os olhos vendados precisava guiar o outro pela sala, colocando obstáculos no caminho, para que durante o trajeto as dificuldades fossem aumentando. Através dessa dinâmica foi possível perceber o quanto é difícil o dia a dia das pessoas com deficiência visual, e também as dificuldades de inclusão sem ter preparo dos profissionais que se sentem inseguros em relação a como devem lidar com pessoas com deficiência visual, a falta de informações sobre a educação inclusiva e falta de materiais para tornar a qualidade das aulas melhor.

Além de sentir o quanto é de extrema importância que os professores tenham conhecimento de materiais necessários para o trabalho com alunos cegos e/ou com baixa visão severa, é importante saber utilizar as tecnologias assistivas, para facilitar as práticas pedagógicas durante as aulas. Motta (2004, p.20) relata, em sua tese, uma experiência similar, que segundo ela "...ajudou-me a entender os sentidos que construí sobre a cegueira, apontando para uma tentativa de desconstrução. O colocar-me no lugar do outro deu uma significação ainda maior para minhas discussões". Como ocorreu com a autora, os alunos puderam vivenciar a simulação da perda do sentido da visão, apesar de que sabiam que poderiam abrir os olhos e ver a qualquer momento, essa simulação foi muito representativa no momento de colocar-se no lugar do outro e despir-se de conceitos prévios sobre a cegueira e seguirem uma caminhada abertos à novas aprendizagens e olhares sobre seu aluno.

A visão identifica uma infinidade de estímulos do ambiente, abrangendo os outros sentidos (sentidos remanescentes) de forma global e simultânea. É por isto que o indivíduo que enxerga (e que se coloca no lugar daquele que é cego, usando uma venda nos olhos) ou aquele que adquire a cegueira posteriormente, conserva na memória um conjunto de imagens visuais mais ou menos consolidadas. Ele possui contínuas oportunidades de exploração visual, o que lhe possibilita estabelecer semelhanças e diferenças entre as diversas categorias de seres ou objetos mesmo sem o contato direto pela visão.

Já o indivíduo cego precisará entrar em contato com os elementos e ter a

oportunidade de explorar os estímulos do ambiente. Faz-se necessário tocar, sentir, perceber dimensões e texturas, tamanho, odores, discriminar sons, vozes e ruídos, uma vez que é a partir da experiência concreta que se torna viável ampliar o pensamento abstrato e a função simbólica. “Enquanto as pessoas videntes formam e comprovam muitos conceitos informalmente, as pessoas com deficiência visual necessitam de uma apresentação estruturada dos mesmos para assegurar um desenvolvimento adequado dos fundamentos a eles relacionados.” (DE MASI, 2003, p.38).

O indivíduo que enxerga ao entrar em um ambiente, por exemplo, movimenta-se de forma natural e espontânea, observa e procura com os olhos ou com as mãos as coisas que chamam a sua atenção. Já a pessoa cega não tem a mesma mobilidade, nem a possibilidade de visualização do ambiente para despertar sua curiosidade, interesse e aproximação. Ela precisa não apenas “ler” o ambiente, mas estar alerta, focalizado em relação ao seu destino, construindo, mesmo que inconscientemente, um mapa mental do espaço.

Weishaln (1990) define mobilidade como a habilidade de locomover-se com segurança, eficiência e conforto no meio ambiente, através da utilização dos sentidos remanescentes. Uma pessoa que perdeu a visão há pouco tempo (ou venda seus olhos) não terá mesma desenvoltura que daquele indivíduo que nasceu cego, pois este está habituado aos recursos de que sempre dispôs, criando, seus próprios meios para vencer as variadas tarefas que se lhe apresentam.

Durante o curso, todas as aulas foram gravadas em áudio e vídeo, e disponibilizadas em modo não listado⁷ no Youtube para que os tutores, que moravam em outras cidades e não participavam dos encontros presenciais, pudessem acompanhar e orientar os participantes do curso durante as atividades no ambiente virtual, e também para que os participantes pudessem tirar dúvidas e realizar as atividades a distância.

Durante o curso, os participantes tiveram conhecimento de como é feita a audiodescrição, e as diferenças entre o trabalho dos diferentes audiodescritores. Em uma das dinâmicas executadas em sala de aula, os participantes foram orientados a fazer audiodescrições de imagens estáticas escolhidas por eles. *Primeiramente*, a proposta é que escrevessem o roteiro da audiodescrição padrão (convencional) e, posteriormente, elaborassem um segundo roteiro, porém de uma *audiodescrição didática*. Com intuito de não ensinar apenas a teoria sobre como fazer a audiodescrição, mas oferecer orientações de como fazer o trabalho, todo o processo era discutido em grande grupo. Assim, todos opinavam no resultado que cada colega apresentava, aproveitando o potencial didático dos participantes, professores de vários componentes curriculares que compunham o grupo. Todos participavam na construção do conhecimento, com intervenções do ministrante do curso, comentando com os colegas o que

presumiam ser importante, assim como o que acreditavam não ser relevante na descrição das imagens. Dessa forma, os participantes puderam apontar os pontos positivos e os pontos negativos que julgavam haver nos trabalhos apresentados, baseados em estudos concretos sobre a audiodescrição como: detalhamento de informações, informações que não estão escritas nas imagens, estudo da imagem a ser audiodescrita, subjetividade e aspectos emocionais presentes na imagem que deveriam ser incluídos na audiodescrição, ponto de vista, conhecimento do contexto do aluno, domínio cultural do sujeito, carga cognitiva e tempo disponível para acesso ao conteúdo didático veiculado pela imagem. Discussões sobre a carga cognitiva, objetivo da imagem, conhecimentos prévios, memória visual, imagens mentais, contexto cultural e tempo disponível foram promovidas em quase todas as aulas.

Para a execução de atividades, foi preciso uma série de estudos; sobre cuidados com roteiro como: informações relevantes ausentes, tempo disponíveis, subjetividade e ética, o papel do receptor e objetivo da imagem. Também foram apresentados cuidados com a empostação da voz, dicção e pronúncia através do vídeo disponível no *Youtube* com o título *Programa Destaque - Fonoaudiólogas ensinam exercícios para voz e fala*, uma entrevista com as fonoaudiólogas Juliane Jandré e Caroline Meneses sobre cuidados da voz (PROGRAMA DESTAQUE, 2011). Também estudados os cuidados a serem tomados com o uso do microfone e recursos do editor de áudio *Audacity*. Estes assuntos foram abordados por relevância para a elaboração de uma audiodescrição, para que o texto ficasse claro e de fácil entendimento. Isto posto, os integrantes do curso aprenderam como é o trabalho dos audiodescritores, que trabalham de modo interdisciplinar, isto é, profissionais de diferentes áreas ocupando-se de recursos, serviços e práticas do conhecimento, que visam a propiciar independência e autonomia às pessoas com deficiência visual e garantir a sua inclusão e participação plena como cidadãos na sociedade.

Para concluir a última atividade em sala de aula, os participantes tiveram acesso a vários textos do tipo trava-línguas. Em duplas, puderam escolher um dos textos para apresentação. Treinaram sua leitura em sala e logo, com uma rolha de cortiça entre os dentes, tinham que ler o texto escolhido de forma clara para os colegas como na bancada de um telejornal. Esse exercício foi feito visando a melhorar a dicção e pronúncia de todas as sílabas claramente, dando subsídios para todos realizarem a tarefa. Esse trabalho foi importante para que todos pudessem interagir com os colegas do grupo. A dinâmica causou grande descontração entre os participantes e fez com que essa atividade de encerramento do curso fosse agradável, porém com claros objetivos didáticos, corroborando para a realização da gravação de roteiros, tarefa proposta no *Moodle*.

As dificuldades encontradas no curso

Ao longo do curso, muitas dificuldades precisaram ser superadas pelos participantes. A primeira delas foi vencer cansaço de um dia de trabalho em suas atividades docentes, e interagir com os demais participantes para a realização das tarefas a serem executadas. O propósito era conhecer a educação inclusiva de pessoas com deficiência visual e saber de algumas das barreiras que essas pessoas enfrentam para serem incluídas na sociedade em que vivemos. A princípio, o curso seria ministrado às quintas-feiras no Campus Anglo da UFPel, mas, por não haver salas disponíveis nesse dia, foi necessário alterar as aulas para as sextas-feiras no mesmo local e horário, o que fez com que alguns não pudessem seguir com esse novo dia. Outros dificuldades que foram enfrentadas pelo grupo foram o acesso o ambiente virtual *Moodle*, que a maioria não conhecia, postar tarefas no decorrer da semana, interagir com os demais participantes sobre as dúvidas, a fim de que elas fossem esclarecidas na aula presencial. Audiodescrever imagens também exigiu muita concentração e disciplina dos participantes do curso, pois, depois de conhecer sobre audiodescrição, sabiam que há diferença entre a audiodescrição padrão (convencional) e *audiodescrição didática*, a partir daí, adaptar-se à nova proposta de audiodescrição para a sala de aula. Fazer uso da ferramenta *Audacity* para a realização da última tarefa, talvez tenha sido a tarefa onde surgiram mais dúvidas, não somente pelo desconhecimento geral sobre a ferramenta, mas também pelos diversos recursos que o *software* oferecia, tais como eliminar ruídos na gravação, cortar partes do áudio, aumentar o volume da voz e outros, que poderiam interferir na qualidade do resultado final do trabalho. Todas as instruções para o uso do *Audacity* e para a conclusão da tarefa foram esclarecidas pelo ministrante do curso.

As dificuldades tornaram-se ferramentas muito importantes na construção do aprendizado de todos os participantes. Ao final do curso, todos os participantes tiveram conhecimento das dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência, e relataram sentir mais segurança para participar do processo de inclusão social e escolar dessas pessoas, onde a audiodescrição tem papel fundamental para dar independência e autonomia para os estudantes com deficiência visual. Com o enfrentamento das dificuldades tanto as sentidas nas aulas teóricas como aquelas vivenciadas na prática para a execução das tarefas, foi possível perceber que é possível vencer as barreiras quando as enfrentamos: “Enfrente seus obstáculos e faça algo com relação a eles. Verá que não têm metade da força que você julga que possuem.” (PEALE, 2006, p. 127).

Uma das alunas participantes do curso sintetiza a experiência vivida pelos alunos e comentada no último dia de aula:

Participar do curso de "Introdução à audiodescrição didática" foi um divisor de águas na minha vida. Aprendi muito sobre o processo de inclusão das pessoas com deficiência na sociedade, acredito que esse processo seja o objetivo de todos os profissionais da área da educação. Espero que, com a ajuda da audiodescrição didática, ele se torne possível, já que o objetivo maior dessa ferramenta é dar maior autonomia as pessoas com deficiência visual. Saber que pessoas que não enxergam podem "ver" através dos olhos de pessoas como os audiodescritores, que proporcionam o acesso dessas pessoas a conteúdos visuais, e é uma forma de sentir maior segurança em nossas aulas, sem ter medo de que alunos cegos e/ou com baixa visão tenham desvantagem em relação aos alunos que enxergam. Pessoas com deficiências não precisam de piedade, mas de oportunidade de ter acesso às mesmas informações que todos. Penso que fazer uso da audiodescrição como tecnologia assistiva é mais do que uma questão inclusão, mas também seja uma questão de cidadania⁸.

Resultados e Conclusão

Ofereceu-se aos professores da rede estadual e da rede municipal uma formação básica sobre acessibilidade e inclusão. De forma introdutória, foram estudadas as tecnologias assistivas e recursos didáticos para alunos cegos e com baixa visão severa, com foco na escola regular. Esta introdução serviu de contextualização para o estudo proposto no curso, ou seja, a aplicação da audiodescrição como recurso didático para ensino de alunos com deficiência visual nas escolas da rede pública de Pelotas.

Foram estudadas as diretrizes atuais e as orientações que vêm sendo adotadas para a audiodescrição de forma geral. A partir dessas orientações, e tendo como referência o trabalho de diferentes profissionais, pode-se discutir e trabalhar na produção de uma audiodescrição diferenciada, que ultrapassa o limite da ferramenta de intermediação entre o visual e o textual e passa a ser, ela mesma, instrumento de ensino nas mãos do professor inclusivo. Após o estudo de roteiros de audiodescrição de diferentes produtos visuais, passou-se a produzir roteiros de *audiodescrição didática* de imagens estáticas contidas em materiais escolares. Posteriormente, os roteiros foram gravados com o software *Audacity*.

Apesar de todo planejamento, uma adequação fez-se necessária: concentrar os encontros presenciais em 4h/a, passando de encontros semanais para encontros quinzenais, a fim de propiciar maiores prazos para as atividades a serem realizadas, já que a aprendizagem, adequação e gravação de *audiodescrição didática* de imagens estáticas, realizadas na parte final do curso, demandavam tempo e cuidado para sua realização. Também alguns inscritos tiveram dificuldades em participar dos encontros presenciais semanais à noite devido à mudança de dia.

Alguns alunos não foram informados do início do curso devido a e-mails desatualizados informados à coordenação do curso pelos gestores das redes. Além disso, o final do ano, com eleições das equipes diretivas e o acúmulo de trabalho no fim do período letivo, coincidiu com a etapa final do curso, sobrecarregando alguns participantes. Mesmo não sendo obrigatória, a elaboração de um artigo final sobre o tema do curso acrescentaria 4h no certificado de cada cursista; apesar do incentivo do ministrante e sua equipe de apoio, nenhum dos participantes apresentou o artigo final.

Contudo, pode-se afirmar que o curso alcançou seus objetivos, já que vários participantes manifestaram desejo de integrar-se ao grupo de pesquisa liderado pelo coordenador do projeto, bem como interesse em contar com o apoio da equipe para a elaboração de materiais didáticos com audiodescrição para suas aulas. Cabe ressaltar, também que uma das cursistas propôs a atividade de *audiodescrição didática* à sua turma na escola.

A partir dessa edição, a 2ª Coordenadoria Regional de Educação, com sede em São Leopoldo, convidou formalmente o coordenador do projeto para ofertar o mesmo curso às professoras coordenadoras das salas de recursos daquela região. O novo curso já teve seu projeto aprovado pela Ufpel e começará em maio, com a mesma programação e carga horária, também na modalidade semipresencial.

Desse modo, espera-se que esse relatório provoque reflexões sobre perspectivas e potencialidades da *audiodescrição didática*, com objetivo de difundir o seu uso em sala de aula, de forma que venha a incorporar-se às práticas educacionais e possa ser foco de projetos futuros.

Referências

- ABNT – CBo40. *Projeto ABNT NBR 16452*, Novembro, 2015. Disponível em <<https://www.target.com.br/produtos/projetos-nbr/42735/projeto-abnt-nbr-16452-acessibilidade-na-comunicacao-audiodescricao>>. Acesso em: 05 jan. 2016.
- DE MASI, Ivete. **Conceitos: aquisição básica para a orientação e mobilidade**. In MACHADO, Edileine Vieira et al. *Orientação e mobilidade: conhecimentos básicos para a inclusão do deficiente visual*. Brasília: MEC, SEESP, 2003. p. 37-55.
- FONOAUDIÓLOGAS ENSINAM EXERCÍCIOS PARA VOZ E FALA. ENTREVISTA COM JULIANE JANDRÉ E CAROLINE MENESES. *Programa Destaque*, Rede Massa, SBT, - 9'45", 2011. Disponível em: <<https://youtu.be/O6ff4guJS-c>>. Acesso em: 02 mar. 2016.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor)

MOTTA, Livia Maria Villela de Mello. **Aprendendo a ensinar inglês para alunos cegos e com baixa visão um estudo na perspectiva da Teoria da Atividade**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem) - Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

PEALE, Norman Vicent. **O poder do pensamento positivo**. 75ed., São Paulo: Cultrix, 2006.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. 1998. Disponível

em:<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139394por.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

WEISHALN, R. **Orientation and mobility in the blind children**. New York: Englewood Cliffs, 1990.

Notas

⁶ <http://www.audacityteam.org/>

⁷ Um vídeo não listado significa que qualquer um que tenha o link poderá vê-lo. Vídeos não listados não aparecem em resultados de pesquisa do Youtube.

⁸ Relato pessoal apresentado por uma aluna no último dia de aula do curso.